

# A COVID-19 E OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NO/DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE RIACHO DE SANTANA/BA

Antonio José de Souza<sup>1</sup>, Heron Ferreira Souza<sup>2</sup>  
Antônio Domingos Moreira<sup>3</sup>, Ana Maria Anunciação da Silva<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Doutorando do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal). Professor da Educação Básica do município de Itiúba (Ba). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: [tonnysouza@gmail.com](mailto:tonnysouza@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutor em Educação (Unicamp). Professor efetivo do Instituto Federal Baiano, *campus* Serrinha. Professor no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. E-mail: [heroinfabaiano@gmail.com](mailto:heroinfabaiano@gmail.com)

<sup>3</sup>Mestre em Educação (UESB). Professor da Educação Básica do município de Riacho de Santana (Ba). E-mail: [tony.dom1987@gmail.com](mailto:tony.dom1987@gmail.com)

<sup>4</sup>Pedagoga. Especialista em Educação do Campo (IFBaiano/Serrinha). Professora da Educação Básica do município de Ichu (Ba). E-mail: [annaichu@hotmail.com](mailto:annaichu@hotmail.com)

**Resumo:** Este trabalho buscou discutir e problematizar os desafios e possibilidades que, no contexto de quarentena e pandemia, se apresentam à escola, ao (à) educador (a) do campo/roça e, conseqüentemente, às famílias para garantirem o processo educativo escolar dos(as) educandos(as). A investigação foi realizada com profissionais da educação no município de Riacho de Santana – Bahia. Caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa que se baseou em relatos de experiências da equipe pedagógica e gestores (a)s, de forma específica, ficou evidenciado que os desafios postos às escolas do campo/roça não são apenas tecnológicos; são, principalmente, políticos.

**Palavras-chave:** Pandemia, “EaD emergencial”, Escola do Campo/roça, Relatos de experiências.

## 1. Notas sobre um tempo estranho

No momento em que esse estudo se torna palavra, tem-se a sensação exata do cansaço emocional fruto de uma reclusão compulsória em decorrência à Covid-19. Trata-se de um tempo bastante insólito, pois, como diz o sábio adágio popular: “desgraça pouca é bobagem”, aludindo o pessimismo de que tudo pode ficar pior (e estar). Afinal, estão misturados à catástrofe sanitária, a beligerância escatológica do governo bolsonarista, o negacionismo dos seus asseclas e o culto ao famigerado fármaco “clo-roquina” que, sem evidência científica, foi alçado ao patamar de um elixir da vida, ou seja, uma panaceia brasileira que ao invés de curar a doença, permite a morte de muitos e tantos de nós.



É no curso dessa crônica bestial, onde as marcas constitutivas da sociedade “global” alcançam o “local”, que o presente estudo pretende discutir acerca dos desafios e perspectivas da Educação no/do Campo no município de Riacho de Santana/Bahia, um município brasileiro do estado da Bahia situado no Território de Identidade do Velho Chico, que vem sofrendo com os efeitos da pandemia do novo coronavírus, pois o atual momento trouxe à luz um contexto educacional que expõe as vísceras das profundas desigualdades sociais nesse Brasil de dimensões agigantadas e realidades variadas. Portanto, se as escolas dos grandes centros desse país estão tendo dificuldades em lidar com os efeitos pandêmicos, o que estará acontecendo nas escolas do campo/roça<sup>5</sup> dos nossos rincões?

## 2. Educação no/do Campo e os impasses em tempos da Covid-19

No município de Riacho de Santana a paralisação das aulas ocorreu no dia 18 de março, através do decreto municipal n.º 62 de 17 de março de 2020. O documento, entre outras coisas, falava do risco da propagação da Covid-19 entre o (a)s educandos (a)s e profissionais da educação (BAHIA, 2020). Com isso, várias medidas foram adotadas pela gestão municipal a fim de evitar ou minorar a disseminação do vírus. As mudanças ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus chegaram de modo abrupto, causando isolamento compulsório e, por isso, faz-se necessário o aprofundamento do debate sobre o ensino e a aprendizagem, pois, não é o fato da escola estar de “portas fechadas” que ela tenha deixado de existir. Ela existe, em tese, como “escola doméstica”, “cravada” na rotina familiar, entre aulas feitas online e exercícios pelo WhatsApp mediados por pais “tutores” numa espécie de Educação a Distância (EaD) “emergencial”. À vista disso, reconhecemos a urgência em encontrar alternativas que mantenham, de alguma forma, as escolas no campo/roça funcionando, mas “[...] através da institucionalização de políticas públicas, [...] assim como, a superação da dicotomia campo/roça e cidade, em que nessa ‘queda de braço’ o campo/roça é pautado e classificado como atrasado, desprovido de conhecimento [...]” (SANTOS; SOUZA, 2020, p. 40).

<sup>5</sup> A importância da palavra “roça” para este estudo sobrevém da compreensão de uma “ruralidade específica” vinculada, sobretudo, à semiótica da terra (RIOS, 2011).



Por isso, este estudo propõe a seguinte questão: i) Quais os desafios e possibilidades que, no contexto de quarentena e pandemia se apresentam à escola do campo, ao (à) educador (a) do campo/roça do ensino básico da escola pública e, consequentemente às famílias para garantirem o ensino e aprendizagem do (a)s educandos (a)s? Obviamente que tal questão perpassa por problematizações em torno das condições de garantia do processo educativo escolar a partir da “EaD emergencial”, as capacidades técnico-pedagógicas do (a)s professores (a)s e a família enquanto elo entre professores (a)s/escola e estudantes. No intuito de encontrar as respostas para as questões acima, foram enviadas perguntas, via WhatsApp, entre os dias 05 a 20 de maio de 2020; mas, considerando a realidade das escolas no campo/roça do município supracitado, com elevado quantitativo de profissionais vinculados (a)s por contratos empregatícios temporários, tivemos pouco retorno dos convites de participação na pesquisa. Além disso, consideramos outros implicadores próprios e decorrentes da pandemia que sobrecarregou o trabalho desses (a)s profissionais, desestimulando-o (a)s à participação.

De todo modo, tivemos o retorno de 3 coordenadores (a)s pedagógicos (as), 3 gestores(as) escolares e 1 professor. A fim de resguardar as identidades do (a)s participantes, preferimos chamá-los (a)s por nomes e sobrenomes fictícios retirados da flora da caatinga. Considerando as especificidades desses (a)s educadores (a)s das escolas do campo/roça, a pesquisa evidenciou que a maior parte, entre o (a)s entrevistado (a)s, aderiu ao ensino remoto. Posteriormente, a Secretaria municipal de Educação de Riacho de Santana (SEDUC) disponibilizou uma plataforma no site da prefeitura, para que o (a)s educadores (a)s ao acessarem encontrassem direcionamentos de atividades pedagógicas para cada modalidade de ensino. No entanto, o êxito desse instrumento dependerá de muitos aspectos. O primeiro refere-se à habilitação e familiaridade do (a)s educadores (a)s em utilizá-lo. O segundo aspecto diz respeito ao acesso aos aparatos tecnológicos, pois, sabe-se, que alguns docentes têm o mínimo de equipamento tecnológico, além disso, há uma partilha desses dispositivos com os demais membros da família. Sobre essa realidade a professora Ana M<sup>a</sup> Franco (2020, *online*), em sua conferência ministrada no Congresso Nacional Universidade EAD e



Software Livre 2020.1 (UEADSL)<sup>6</sup> – intitulada: Noção de pertencimento e diminuição da Distância Transacional: caminhos para a EaD; diz o seguinte: “[...] a EaD emergencial vem sendo praticada com o máximo de esforço dos professores, com tudo caseiro e sem recursos. [...] Vemos professores se arriscando em AVAs, em plataformas de criação de atividades [...]”.

Nas entrevistas feitas ao (à)s gestores (a)s, coordenadoras pedagógicas e ao professor, perguntou-se sobre a situação da escola diante das aulas remotas, sobre o contingente de alunos (a)s alcançado (a)s com as atividades, como essas atividades estão sendo feitas e como o (a)s aluno (a)s têm reagido. O compilado das respostas se aproxima do que fora dito por Franco (2020, *online*). A gestora **Maria Macambira**, ressalta: “[...] estamos executando as aulas à distância via WhatsApp, [...] tem aluno que não consegue, [...] os alunos se sentem cansados, [...] fica difícil [...] mas vamos pensar o tempo todo de forma positiva que a gente vai conseguir, né?”. Na fala a gestora demonstra um certo contentamento que parece ser mais pelo cumprimento aos direcionamentos dados pela SEDUC do que necessariamente pelo pretensão bom resultado da ação pedagógica. Já o gestor **Pedro Umburana**, diferente de Maria, deixa evidenciado o retorno precário das atividades, afirmando que: “[...] encaminharam algumas atividades via WhatsApp, mas não foi muito satisfatório [...], principalmente do retorno [...] a grande parte, não tem celulares e computadores para fazer as atividades [...]”. A coordenadora **Rita de Jitirana** confirma essa limitação digital ao dizer: “[...] as dificuldades das escolas do campo, são enormes, a gente não consegue atingir os 100%, [...] têm alguns alunos que não tem WhatsApp, não tem rede social, não tem internet em casa [...]”, lançando luz nas dificuldades das escolas do campo/roça que, sem a pandemia, já eram sobressalentes, mas que são agigantadas por não conseguir alcançar todo o (a)s aluno (a)s.

---

<sup>6</sup> O Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre (UEADSL) é um evento acadêmico semestral, online e gratuito, promovido pelo Texto Livre, um grupo de pesquisa, ensino e extensão vinculado à Faculdade de Letras (Fale) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O Congresso Nacional UEADSL 2020.1 aconteceu no dia 01 a 07 de junho de 2020 pela plataforma [ueadsl.textolivre.pro.br](http://ueadsl.textolivre.pro.br).

As escolas multisseriadas<sup>7</sup> também exigem estratégias específicas, conforme narra a gestora **Bromélia Silva**: “[...] trabalhamos de forma multisseriada, [...] por conta da Covid-19, o trabalho teve que ser modificado, [...] começamos um trabalho árduo de investigação para decidirmos a melhor forma de trabalho [...]”. Essas circunstâncias pandêmicas são as causas do abatimento angustiante descrito pela coordenadora **Flor Jurema**: “[...] o que mais me entristece e o que mais me angustia no momento, é não está podendo ajudar esses alunos distantes da nossa unidade escolar pois muitos não têm energia em casa [...]”. Diante de graves impedimentos é quase impossível não se sentir impotente e apesar de qualquer persistência, o que fica é a sensação de insuficiência por não poder ajudar os estudantes e pais que não têm acesso à internet, desse emaranhado de ditos que são enredados por pessoas diferentes, mas imbricadas num mesmo contexto deveras confuso, isto é, o de quarentena e pandemia; emergem os desafios vividos ou fortemente explicitados para as escolas do campo/roça, educadores (a)s e as famílias do (a)s estudantes (a)s.

Definitivamente, precisaríamos ter tido um outro modelo de formação docente, inicial e continuada, sobretudo, nas escolas do campo/roça. Nessa perspectiva, o professor Antonio José de Souza (2020, *online*), participando da Mesa de Debate: Pensamento computacional em foco: uma discussão com professores da Escola Básica – conferência ministrada pela pesquisadora Fernanda Monzato no Congresso Nacional UEADSL 2020.1 –, relatou-nos: “[...] meu conhecimento computacional é oriundo de um investimento e esforço pessoal [...] muitos professores foram pegos de surpresa, sem preparo para lidar com o tecnológico e sem o acesso aos aparatos mínimos.”. Coadunado com tal panorama a coordenadora **Ipê de Jesus**, relata que “[...] nesse momento tão difícil [...], tenho conduzindo as atividades praticamente sozinha, tem só um professor efetivo nessa unidade escolar [...]”. O que pode ser genuinamente feito quando, no período que mais se necessita de uma equipe, uma força-tarefa, professores (a)s tenham sido dispensado (a)s, pois eram contratado (a)s em regime temporário.

<sup>7</sup> A escola multisseriada, segundo Souza (2018, p. 24), é “[...] uma forma de estruturação de ensino na qual o/a docente trabalha, na mesma sala de aula, com várias séries do Ensino Fundamental, simultaneamente, atendendo a aluno (a)s com idades e níveis de conhecimento diferentes.”.



Realidade confirmada pelo único professor entrevistado nesse estudo, o professor **José Carnáuba** que, apesar de ter sido desobrigado das suas funções, pois teve seu contrato interrompido pela SEDUC, colocou-se à disposição da escola, “[...] fiquei à disposição do colégio, criamos um grupo [...] eu acho que não está sendo bem conduzidas as atividades. Falta um pouquinho de mobilização [...]. A diretora não está exigindo, porque [...] o contrato foi suspenso”. Desse modo, parece-nos haver uma contradição, afinal, a gestora **Bromélia Silva**, conta-nos sobre a existência de “[...] um trabalho árduo de investigação de como [poderia ser feito o pedagógico] nesse período, para que não [perdessem] o foco da aprendizagem [...]”. De acordo com Bromélia, ela tem obtido orientações da SEDUC “[...] onde se reuniu toda a pasta da educação [...]” a fim de viabilizar o trabalho pedagógico remoto. No entanto, o que tem sido eloquente nos demais relatos é a inexistência da SEDUC (quer dizer, um braço significativo do Poder Público) como o elo competente entre docente-discente e escola-família.

As falas, na sua maioria, revelam-nos um trabalho solitário sem ajuda efetiva do Poder Público, sem acesso aos bens tecnológicos (que podem sim, manter o engajamento do (a)s alunos, diminuindo distâncias e desânimos) e sem a formação adequada. Nesse sentido, a SEDUC precisa ser presença para além das emissões de decretos oficiais e notas de orientação. Muito do que é destinado à educação, enquanto Política Pública, é oriundo da vontade política, à vista disso, o Poder Público do município de Riacho de Santana terá condições, em tempos pandêmicos e marcado por crises e beligerâncias por parte do Governo Federal, de minorar esse fosso histórico?

### 3. Em suma

As evidências apontadas neste trabalho, através dos relatos do (a)s entrevistados (a)s, demonstram os desafios enfrentados pelos (a)s profissionais da educação, estudantes e famílias do campo/roça nesse momento de pandemia, mas também evidenciam a necessidade de nos debruçarmos e recolocarmos, de forma relacional, as discussões sobre o processo de escolarização, o acesso às tecnologias de informação e comunicação e aos direitos básicos pelos povos do campo/roça. O



projeto político da Educação do Campo está centrado, primeiramente, no direito da população do campo/roça se escolarizarem no campo/roça, no espaço imediato de reprodução da vida, onde se produz saber, cultura, identidade, de forma que englobe a dimensão do vivido, do local, a história, a memória, a identidade e as lutas dos povos do campo/roça como ponto de partida para uma leitura crítica do mundo.

O atual momento marcado pela pandemia explicita em seus diferentes graus a precarização das escolas no campo/roça, como evidenciado no município de Riacho de Santana, Bahia. Não seria pertinente reduzir o processo educativo escolar à mera mediação tecnológica, mas também seria equivocado negar a importância do acesso aos recursos tecnológicos de informação e comunicação ou não pensar suas possibilidades para a potencialização do fazer pedagógico e as relações sociais na contemporaneidade.

## Referências

BAHIA. Prefeitura municipal de Riacho de Santana. **Decreto n.º 62 de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre medidas temporárias de prevenção e controle para enfrentamento do coronavírus (covid-19) - suspensão de aulas das redes de ensino do município de Riacho de Santana, Bahia. Disponível em: <<http://www.riachodesantana.ba.gov.br/coronavirus#conteudo>>. Acesso: 20 ago. 2020.

FRANCO, Ana Maria. Noção de pertencimento e diminuição da Distância Transacional: caminhos para a EaD. **Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre 2020.1 (UEADSL)**, UFMG, Belo Horizonte, 01/02, jun. de 2020. Palco das Conferências. Disponível em: <<https://eventos.textolivre.org/moodle/mod/forum/discuss.php?d=863>> Acesso em: 10 ago. 2020.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser e não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

SANTOS, Marilucia de Jesus Santana; SOUZA, Antonio José de. Formação docente na educação do campo/roça: o desafio da ocupação do espaço social e escolar “urbano-centrado”. In: SOUZA, Antonio José de; SOUZA, Heron Ferreira. **Educação no/do Campo**: entre o concebido, percebido e vivido. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 39-58.

SOUZA, Antonio José de. Mesa de Debate. In: MONZATO, Fernanda. Pensamento computacional em foco: uma discussão com professores da Escola Básica. **Congresso Nacional Universidade EAD e Software Livre 2020.1 (UEADSL)**, UFMG, Belo Horizonte, 02, jun. de 2020. Palco das Conferências. Disponível em: <<https://eventos.textolivre.org/moodle/mod/forum/discuss.php?d=770>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

SOUZA, Antonio José de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira**: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas. Curitiba: CRV, 2018.